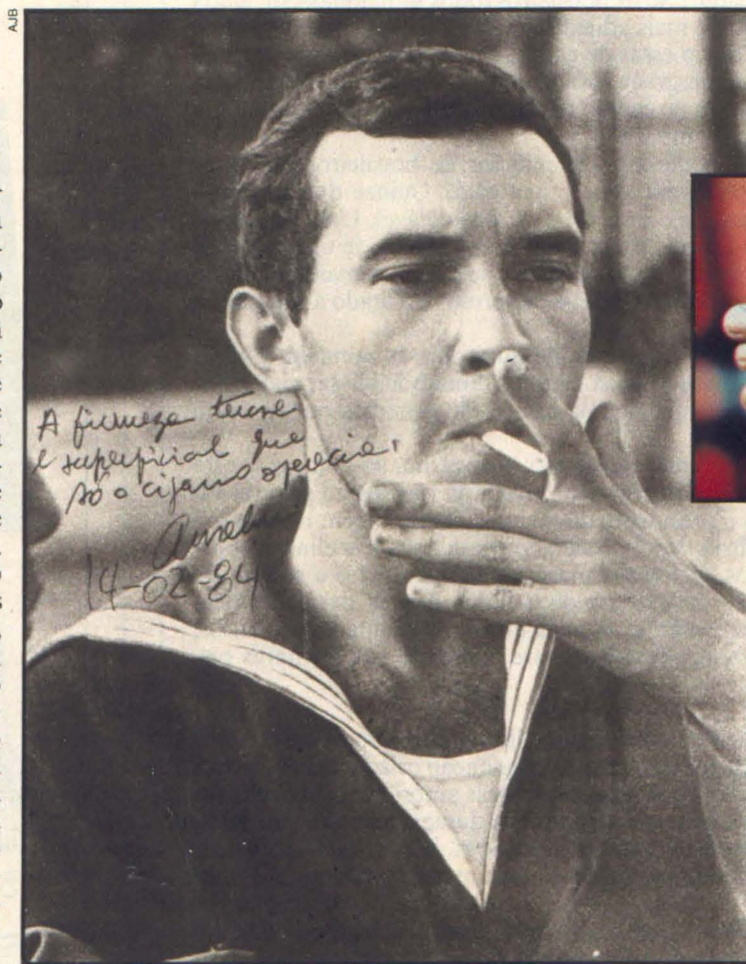
ISTO É, nº 379, 28 de março de 1984, pp. 24-26

O ANJO DA MORTE

O marinheiro que desafiou o regime e ajudou a ceifar a esquerda

AJB



OCTAVIO RIBEIRO



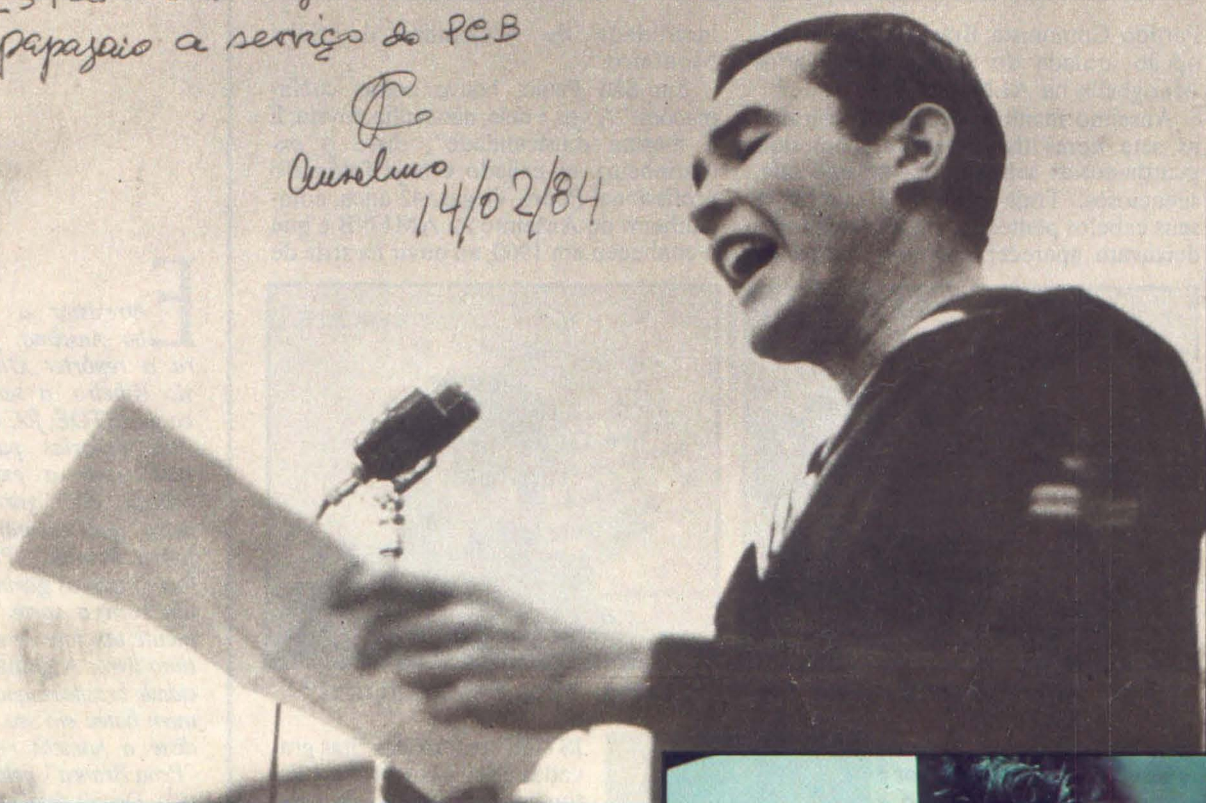
Na mão que segura o cigarro, nos tempos de marinheiro, os mesmos traços da mão de hoje (acima)

Está de volta o maior carrasco da esquerda brasileira. José Anselmo dos Santos, 43 anos, o "cabo" Anselmo, o mitológico ex-marinheiro que aderiu à esquerda radical no Brasil e depois passou-se de armas e bagagens para os órgãos de segurança, fala pela primeira vez sobre esse tortuoso trajeto, uma década depois de desaparecer nas sombras de um protegido anonimato. Presidente da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB), a entidade cuja efervescência levantou todo o almirantado contra o presidente João Goulart em 1964, Anselmo rapidamente ascendeu na hierarquia da esquerda. Sua breve gestão de um ano à frente da associação levou-o a freqüentar gabinetes palacianos e manchetes de jornais, a desafiar almirantes e horrorizar os manuais do oficialato brasileiro diante das contorsões que ajudava a promover na cúpula militar – justo ele, um simples marinheiro que, por engano, os jornais chamaram de cabo. Conduziu-o também a uma aproximação com o Partido Comunista e tornou-o personagem obrigatória para a compreensão do período da história do Brasil que desemboca no movimento de 31 de março de 1964. Da mesma forma, levou-o a constituir-se em ator de duas fases subseqüentes: a da luta armada contra o novo regime e a da repressão contra ela desencadeada.

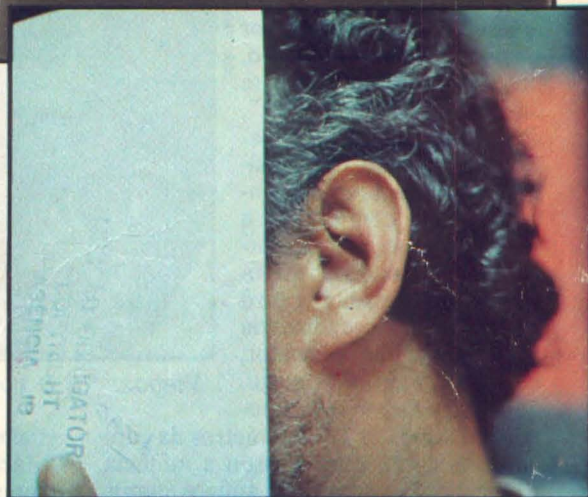
Para a esquerda, ele foi um traidor. Para o poder, foi uma eficiente gazua que permitiu abrir as portas das organizações armadas clandestinas. De todo lado que se olhe a questão, o certo é que o cabo Anselmo foi o mais eficaz espião jamais produzido na história do Brasil. Por seu dedo é que tombou o maior contingente de militantes da guerrilha urbana presos, desaparecidos ou mortos durante a fase mais aguda de violência política no Brasil. Anselmo, sozinho, por seu trabalho de cooperação com os órgãos de segurança – em especial o célebre delegado Sérgio Paranhos Fleury, do DOPS de São Paulo – praticamente demoliu uma organização inteira, a Vanguarda Popular Revolucionária, a VPR. Não existe disponível uma contabilidade dos militantes mortos em decorrência da ação de Anselmo. Ele próprio, porém, ao falar pela primeira vez no assunto para o repórter Octavio Ribeiro, a serviço de ISTOÉ, forneceu alguns parâmetros. Foram "uns cem, duzentos", disse ele, sem alterar o tom de voz.

Anselmo foi localizado em algum lugar próximo das fronteiras brasileiras (*leia página 27*). A entrevista, porém, foi concedida em São Paulo, para onde Anselmo se deslocou, já travestido em sua nova e falsa identidade de cidadão de algum país latino-americano e portador de um rosto novo, inteiramente transformado por uma operação plástica. Durante a entrevista, Anselmo manteve-se imperturbável ao longo das sete horas em que narrou fatos como as ciladas que

AJB

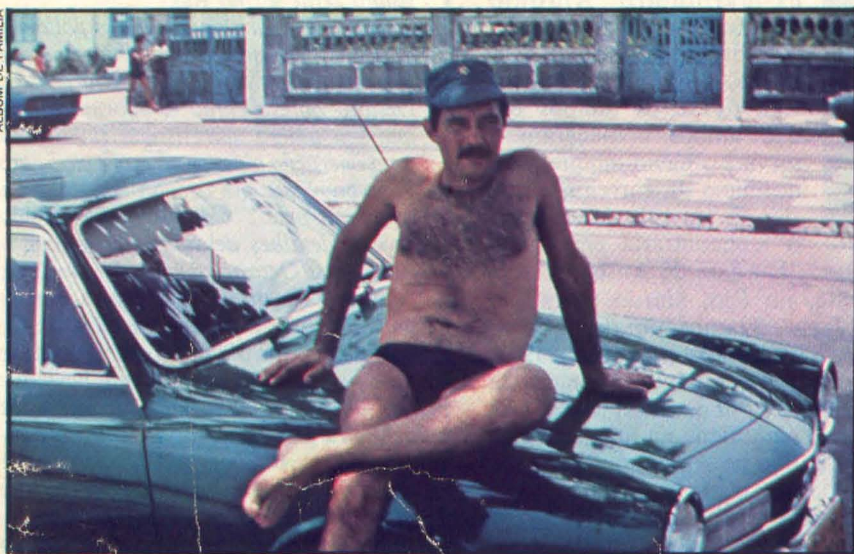


OCTAVIO RIBEIRO



Acima, uma foto de 1964; à direita, a orelha de hoje — um detalhe que a plástica não mudou

ALBUM DE FAMÍLIA



Anselmo numa praia do Nordeste, presumivelmente em 1971. A foto foi cedida a ISTOÉ por sua tia. É a única recordação mais ou menos recente que a família possui em Aracaju

preparou para companheiros de militância ou o risco que correu ao ir ao Chile, já trabalhando para a polícia, juntar-se a desconfiados membros de sua organização. O único momento, segundo Octavio Ribeiro, em que Anselmo pareceu hesitar e baixou os olhos foi quando a entrevista encaminhou-se para a história de Soledad Barret Viedma, sua companheira, de 27 anos. Ela estava entre o grupo que Anselmo entregou à polícia em Recife, em 1973, e foi morta pelos órgãos de segurança. Anselmo fumou muito durante a entrevista. Ao acabar seu maço de Charm, começou a fumar os Minister do repórter. Freqüentemente bebia de um jarro de suco de laranja. Apresentava dois tiques ao falar, respirando fundo antes de iniciar certas frases e mostrando um sorriso nervoso, freqüentemente em contradição com o que dizia. Extraordinariamente eufemístico em relação a certos temas, como a tortura – que ele chama de "alguns excessos" e, a certa altura, de "uma puxadinha" –, o cabo usa muitas palavras em castelhano em seu vocabulário. *"Hacia"* em vez de "até", *"restar"* em vez de "ficar", *"pez"* e não "peixe", *"después"* por "depois", *"guerrillero"* em vez de "guerrilheiro" e expressões como *"o sea"*. Não se recusou a responder a nenhuma pergunta que não se referisse a um assunto tabu, o seu presente. Espertamente, porém, não mencionou qualquer agente dos serviços de segurança com quem tenha trabalhado, a não ser o delegado Fleury, que está morto. E todas as informações polêmicas ou francamente contrárias à maioria dos fatos disponíveis foram por ele lançadas no terreno da esquerda – como, por exemplo, a de que o

Partido Comunista Brasileiro apoiava a opção armada do ex-deputado Carlos Marighella na ALN.

Anselmo manteve-se sentado durante as sete horas da entrevista, com dois guarda-costas sentados na mesma sala, silenciosos. Trajava calça e camisa, e seus cabelos penteados para a frente não deixavam aparecer qualquer marca da identidade de Alexandre da Silva Monteiro.

Em São Paulo, houve outras confirmações. "A voz é dele, não tenho dúvida. É a mesma musicalidade", disse o ex-marinheiro, ex-exilado e hoje fotógrafo profissional Pedro Viegas, 42 anos, companheiro de Anselmo na AMFNB e que o conheceu em 1960, ao ouvir na sede de

VERA SAYÃO



Ozawa (olhando fotos): pela voz

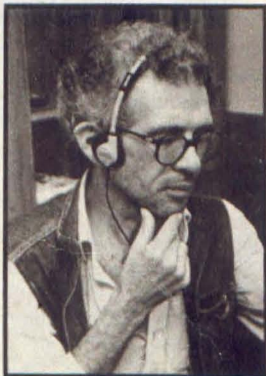
CLÁUDIO VERSIANI



Santos: "Voz é como digital"

cirurgia plástica – levemente sugerida, porém, por sinais do couro cabeludo. "Ele está completamente diferente, irreconhecível", diz Octavio. ISTOÉ e Octavio, porém, não têm qualquer dúvida sobre sua identidade. Para confirmá-la, a revista começou percorrendo o itinerário de Anselmo antes de seu ingresso na Escola de Aprendizes de Marinheiro de Salvador, em 1958, indo a Aracaju, onde nasceu, e a Itaporanga d'Ajuda, a 27 quilômetros da capital de Sergipe, onde passou a infância. Ali, diversos parentes e amigos confirmaram os minuciosos detalhes colhidos na entrevista e que não foram incluídos no texto final. Moradora da rua Maruim, em Aracaju, Ivolina Guaraná de Menezes, meia-irmã de Anselmo, confirmou a narração que ele fez de sua infância em Itaporanga. Funcionária pública em Sergipe, desconfiada, Ivolina só abriu a guarda quando leu a detalhada rememoração que Anselmo faz de sua família, amigos, escolas e leituras. "Está tudo certo, é isso mesmo", assentiu Ivolina. ISTOÉ também checou as declarações de Anselmo com o padre José Carvalho de Souza, atual diretor do Seminário Diocesano Coração de Jesus, onde ele estudou, em 1954, e com alguns companheiros de infância e parentes. "Ele já está usando o nome verdadeiro?", perguntou Maria Madalena, 80 anos, sua tia. E completou a indiscrição: o sobrinho também usou a

JOÃO FARKAS



Viegas: "É a voz"

ISTOÉ trechos das fitas gravadas com a entrevista. "Estou convencido de que é ele, voz é como impressão digital", confirmou o também ex-marinheiro Antônio Duarte dos Santos, 44 anos, membro da diretoria de Anselmo na AMFNB e seu colega desde os tempos em que ambos começaram a servir no navio-tanque *Rijo*, no início da carreira, e que depois, em 1970, já no exílio o reencontraria em Cuba.

"É a voz de Anselmo", diz igualmente, no Rio, Shizuo Ozawa, o "Mário Japa", 39 anos, um dos comandantes da VPR em Cuba de 1970 a 1972. "Parece mais grave, talvez por causa da gravação, talvez por causa da idade", diz Ozawa, que identificou na fita que ouviu um tique antigo de Anselmo: "Ele sempre vacilou em algumas sílabas, o que ainda dá para reconhecer".

No físico, certos traços fundamentais nas únicas fotos que Anselmo admitiu serem feitas por Octavio – mostrando apenas a cabeça de perfil, com o rosto encoberto, e a mão esquerda – podem ser convincentemente confrontados com os de fotos antigas. E, acima de tudo, impressões digitais fornecidas por Anselmo foram positivamente confrontadas com padrões arquivados há anos no Superior Tribunal Militar, em Brasília, pelo perito Mauro Ricart Ramos, diretor do respeitado Instituto Carlos Éboli, do Rio de Janeiro. Trata-se, efetivamente, do anjo da morte da esquerda armada. **Ricardo Setti▲**



Octavio

Entrevistar o cabo Anselmo, para o repórter Octávio Ribeiro, a serviço de ISTOÉ, foi, em suas próprias palavras, viver a experiência do "garimpeiro que encontrou uma pepita em Serra Pelada". Para isso, da mesma forma que os garimpeiros, Octavio contou com a sorte. Ele vendia pessoalmente um lote de exemplares de seu último livro, Algemas de Carne, *em uma cidade brasileira quando, num bar, um homem bateu em seu ombro. "Fala, Pena", disse o homem referindo-se ao apelido "Pena Branca", pelo qual Octavio é conhecido. Depois de alguns minutos de conversa cega, o interlocutor identificou-se: era um estelionatário que Octavio conhecia e entrevistara certa vez no Rio.*

"Mudei a cara para iludir a polícia e a Justiça", disse o homem. Ao final de uma longa conversa regada já a cerveja, Octavio obteve então a informação de que seu antigo entrevistado tinha feito uma operação plástica com um cirurgião "tão bom que até o cabo Anselmo fez operação nele". Comprometido a não revelar detalhes de sua garimpagem, o fato é que Octavio, depois da conversa, trabalhou um mês para chegar a uma cidade de um país próximo ao Brasil. Ali, sob nome, identidade e nacionalidade falsos e um rosto inteiramente novo que lhe foi esculpido há mais de dez anos pelo cirurgião que entusiasmara o estelionatário, Anselmo foi localizado por Octavio. Anselmo a princípio negou sua identidade real. Depois, admitindo-a, negou uma entrevista. "Defunto não fala e nem bate à máquina", disse calmamente o cabo. Octavio respondeu que os dados sobre o paradeiro de Anselmo já tinham sido passados a um colega jornalista no Brasil para sua segurança.

Anselmo pediu um dia para pensar, enquanto instalou Octavio na casa de pessoas de sua confiança. No dia seguinte, aceitou conceder a entrevista, desde que recebesse um pagamento. Ofereceu antes, contudo, sua caligrafia num depoimento escrito e duas impressões digitais para que pudesse ser identificado. O repórter voltou a São Paulo e es-